

Filósofas antigas para filósofas brasileiras

*Carolina Araújo*¹

Resumo: Esta é uma contribuição ao editorial Mulheres que traduzem clássicos, que se dedica a fomentar um maior impacto de traduções de clássicos gregos e latinos feitas por mulheres. Trata-se de apresentar os resultados parciais do projeto *Filósofas Antigas para Filósofas Brasileiras*, desenvolvido desde 2021 com apoio da Faperj, a partir de seu objetivo central de diminuir a desigualdade de gênero na formação acadêmica em Filosofia no Brasil. A primeira seção apresenta dados da desigualdade de gênero no mundo e as hipóteses formuladas sobre as suas causas. A segunda seção apresenta os objetivos do projeto e seus resultados parciais. A última seção trata de questões de método de tradução e análise de texto, com ênfase no fato de que as fontes sobre filósofas antigas são sempre indiretas. Concluo apontando como o projeto, ao conectar uma questão metafilosófica contemporânea com a identificação do filósofo na Antiguidade, coloca a tradução dos clássicos para o português como peça central no combate à desigualdade de gênero.

Palavras-chave: Filosofia Antiga. Filósofas. Desigualdade de gênero. Metafilosofia.

Para Alice Haddad

Situando o objetivo do projeto

Ao longo da História da Filosofia sempre houve mulheres filósofas. Não obstante, são raríssimas aquelas que tiveram seu trabalho reconhecido por seus pares. A revolução sexual do século XX proporcionou reconhecimento a algumas delas, mas ao redor do mundo as filósofas são uma alarmante minoria. Isso se constitui, passo a mostrar,

1 Professora Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro permanente do Programa de Pós-Graduação Lógica e Metafísica (PPGLM-UFRJ), pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e Cientista do Nosso Estado (Faperj). Possui graduação em Filosofia, como bacharel e licenciada, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000), doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005) e pós-doutorado em Filosofia pela University of Ottawa (2012). Esteve na University of Ottawa como Professor Visitante Sênior em 2020 pelo projeto *Dynamis in the History of Philosophy* - Capes/Print.

em um problema propriamente metafilosófico, ou seja, em se identificando um efeito deletério das premissas a partir das quais se pratica a Filosofia, e a questão passa a ser descrever as causas desse fenômeno e pôr sob exame o modo como praticamos a Filosofia.

Os estudos mais recentes sobre o problema mostram a sua persistência e abrangência. Alguns avanços na paridade obtidos na década de 1980 perderam seu impulso após a década de 1990 (HUTCHISON; JENKINS, 2013, p. 231-259). No Reino Unido, 25% dos professores de departamentos de Filosofia são mulheres (BEEBEE; SAUL, 2021, p. 7), na Austrália, elas são 27% das posições permanentes em Filosofia (GODDARD, 2008, p. 4). No Canadá, 27,1% dos professores titulares são mulheres, um número que contrasta com 40,6% dos professores assistentes, indicando que os homens têm mais chances de promoção (CANADIAN PHILOSOPHICAL ASSOCIATION, 2020, p. 8). Nos Estados Unidos, os dados de 1992 a 2003 indicam que as mulheres têm 21% de presença na área, dando indícios de que progressos para a paridade de gênero pararam nesse patamar desde a década de 1990 (ALCOFF, 2011, p. 8; SCHWITZGEBEL & JENNINGS, 2017, p. 13).

No Brasil, eu publiquei dois trabalhos sobre a desigualdade de gênero na carreira acadêmica em Filosofia. Em 2016 o relatório “Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil”, publicado pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ARAÚJO, 2016), demonstrou, com base em dados do Inep e da Plataforma Sucupira, que em 2015 as mulheres eram 38,4% dos graduandos em Filosofia, 28,36% dos discentes da pós-graduação e 19,95% dos docentes de pós-graduação. A chance de uma graduanda tornar-se docente de pós-graduação é 2,5 vezes menor do que a de um graduando do sexo masculino. Um estudo bem mais amplo (ARAÚJO, 2019) monitorou os números ao longo de 14 anos de dados oficiais do Inep e da Plataforma Sucupira, concluindo que essa média não se altera ao longo de todo esse período e, mais grave, houve um claro

decréscimo do número proporcional de mulheres em relação aos primeiros anos (2004 e 2005).

Estudos têm avançado na compreensão de como vieses influenciam nossas decisões sobre o mérito e o valor de pessoas, resultando em maior desigualdade e em dificuldades reais para o avanço de políticas igualitárias (MOSS-RACUSIN *et al.*, 2012; STEINPREIS *et al.*, 1999). Vieses influenciam decisões acadêmicas de mérito e acabam gerando estereótipos, crenças de que determinadas pessoas terão maior sucesso em determinadas atividades. Estereótipos oferecem risco real de serem assimilados pelos próprios agentes prejudicados por eles, gerando crenças sobre si mesmos que acabam afetando o desempenho dessas pessoas nessas atividades (BLUM, 2004; STEELE, 2010, p. 170; SAUL, 2013, p. 41-42). Quanto mais o agente se identifica com os modelos, quanto mais deseja sucesso em determinada atividade, mais ele assimila estereótipo a si mesmo e gera crenças sobre si próprio que comprometem seu desempenho:

Uma estudante de Filosofia será provavelmente, enquanto mulher, minoria no seu departamento [...]. Ao continuar em níveis mais altos de estudo, o número de mulheres vai constantemente diminuindo. Em qualquer curso que não seja o de Filosofia feminista, ela provavelmente vai encontrar um programa que consiste majoritariamente (e frequentemente exclusivamente) em autores do sexo masculino. As pessoas que ensinam a maioria dos cursos são muito provavelmente do sexo masculino. Sabe-se que todos esses fatores que chamam a atenção para o baixo número de mulheres provocam o risco do estereótipo. O risco do estereótipo tem efeito ainda mais forte em estudantes altamente comprometidos com os estudos, isso significa que as estudantes mais comprometidas provavelmente terão desempenho abaixo das suas capacidades. (SAUL, 2013, p. 44).

Estudos empíricos mostram que a questão da desigualdade de gênero na área da Filosofia segue os padrões típicos de vieses implícitos (*Implicit Bias Hypothesis*, confira HASLANGER, 2008; ANTONY, 2012; SAUL, 2013; DOUGHERTY; BARON; MILLER, 2015), que causam desigualdade pela concorrência de diferentes fatores (confira ANTONY 2012 e o modelo da “tempestade perfeita”). Isso significa que ações de combate à desigualdade devem ter diferentes alvos. Uma parte desses alvos diz respeito a políticas institucionais que estão sendo gradativamente conquistadas, como a licença-maternidade de bolsistas, a contabilidade da parentalidade no cálculo da produção, políticas institucionais de prevenção ao assédio *etc.* Outra parte diz respeito a notas características da comunidade filosófica, como a fraca representatividade de filósofas na história e na didática da disciplina, a influência de vieses na avaliação e o risco do estereótipo. Não há identificação das alunas com a figura do filósofo, que permanece associada a homens brancos de proveniência europeia. Esse tipo de estereótipo tem influência não apenas no modo como as alunas são avaliadas, como também no modo como elas veem a si próprias profissionalmente, contando como um fator importante para o baixo desempenho. Nesse padrão incluem-se de modo mais significativo as mulheres negras, que sofrem a interseccionalidade de estereótipos de gênero e raça. Quando entendemos esse quadro sobre a influência do estereótipo no desempenho, vemos que é urgente combater a desigualdade de gênero a partir da geração de um ciclo positivo capaz de reverter vieses culturais negativos.

Foi com esse propósito que surgiu o “Quantas Filósofas?”, um projeto de ensino, pesquisa, extensão e Metafilosofia sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenado por mim e pelo professor Ulysses Pinheiro, com a colaboração do professor Nelson de Aguiar Menezes Neto (Cap-UFRJ) e da doutora Carmel Ramos. O projeto tem diferentes frentes de trabalho e se desenvolve em associação com outros projetos

institucionais. Em uma delas, ligada diretamente à extensão universitária, alunos de graduação recebem orientação para a redação de verbetes sobre filósofas, que são publicados no *site* do projeto (www.filosofas.org/quantas). Isso diversifica a sua formação, estimula a participação de alunas e divulga informações de qualidade sobre filósofas para o público em geral.

A publicação dos verbetes do “Quantas Filósofas?” é parte da associação do projeto com a Rede Brasileira de Mulheres Filósofas (www.filosofas.org), da qual sou uma das administradoras (RAMOS ET AL., 2023). Fundada em 2019 como uma plataforma que reúne diferentes projetos sobre Filosofia e mulheres no Brasil, a Rede tem contribuído para a troca de informações e a produção de conteúdo audiovisual aberto sobre o tema. Um desses projetos audiovisuais é a série de vídeos *Filósofas Brasileiras*, uma parceria do projeto internacional “Extending New Narratives in Philosophy”, baseado no Canadá, para a divulgação internacional de vídeos sobre filósofas brasileiras com legendas em inglês (ARAÚJO, RAMOS, 2021).

O “Quantas Filósofas?” também se expandiu associando-se ao Dataphilo, um grupo de pesquisa com o propósito de desenvolver análise de metadados e estudos empíricos na área de Metafilosofia. É também parceiro da Enciclopédia Mulheres na Filosofia, editada por Yara Frateschi, Halina Leal e por mim (www.blogs.unicamp.br/mulheresnaFilosofia). A Enciclopédia conta com a contribuição de grandes especialistas brasileiros, que escrevem verbetes informativos sobre filósofas e temas feministas que podem ser usados na sala de aula e pelo público em geral. O Filósofas Antigas para Filósofas Brasileiras é a vertente de ensino e pesquisa desse projeto.

Desenvolvendo o projeto

A figura do filósofo nasce na Grécia no século VI AEC. Essa não é uma tese sobre o pensamento, a racionalidade ou a ciência; essas são atividades de todos os seres humanos em todas as culturas em todos os tempos. O que nasce na Grécia é uma ocupação especializada que supõe que fenômenos se explicam por causas que são intelectualmente justificadas (COLLOBERT 2002; LAKS; MOST, 2016; SASSI, 2018), uma ocupação que forma uma comunidade de especialistas que discute entre si a justificção para essas causas. Tal comunidade passou a se entender como capaz de transpor fronteiras políticas – cidadãos de diversas origens são capazes de conversar e trocar ideias sobre suas hipóteses –, e finalmente como encarnando um ideal cosmopolita. Esse ideal foi propagado pelos Impérios de Alexandre e Romano, consolidando a figura do filósofo grego como a concepção universal de filósofo.

É por isso que a História da Filosofia Antiga assumida como grega é uma disciplina obrigatória em todos os cursos de Filosofia, em geral no primeiro semestre de curso. A rigor, não se deve tratar de defender um marco civilizatório helênico ou ocidental, mas de usar o caso grego para especificar uma atividade. A meu ver, a função dessa disciplina é a de introduzir uma distinção entre a Filosofia e outros usos do discurso que formam o conjunto de uma cultura, distinção essa que seria aplicável a outros contextos culturais.

Se há razões sustentáveis para uma introdução institucional à Filosofia pelo seu início grego, é preciso verificar qual é o impacto disso sobre os vieses implícitos mencionados na seção anterior. A ausência de mulheres no conteúdo dessa disciplina marca o primeiro impacto do ensino e da pesquisa em Filosofia nos alunos, que pode perdurar por toda a sua carreira. O ponto é que, por causa de uma divisão social do trabalho, as mulheres gregas não recebem a educação e a informação necessárias –

a alfabetização e o acesso aos textos que em geral são lidos em reuniões masculinas – para ingressarem nesse tipo de pesquisa (DESLAURIER, 2012, p. 343-345). As filósofas na Antiguidade são exceção. Mas elas existiram e, porque as fontes são esparsas e muitas vezes não traduzidas, essa informação não está disponível.

O *Dicionário dos Filósofos Antigos*, de Richard Goulet, apresenta uma contabilidade que impressiona, dos 2.493 filósofos, 86 são mulheres, ou seja, 3,45% (GOULET, 2018, v. VII, p. 1184). Nessas 86 impressiona o impacto do pitagorismo como doutrina filosófica, mais de 25%, são pitagóricas. O pitagorismo se formula como uma comunidade no seio da qual a igualdade educacional de homens e mulheres tem um papel relevante. Há ali também a tentativa de uma abordagem filosófica da vida doméstica, em que se propõe um método para o cuidado de si e dos outros (DUTCH, 2020, p. 121).

As filósofas pitagóricas, entretanto, são apenas uma parcela desse grupo, cuja membra mais antiga é provavelmente Cleobulina de Lindos (cf. GARDELLA; JULIÁ 2019). Único nome feminino associado por Plutarco (*Banquete dos Sete Sábios*, 148d) aos célebres Sete Sábios da Grécia, sua especialidade é o enigma. A forma “O que é, o que é?” introduz a pergunta que ficou conhecida como “a questão do ser” e demanda resposta que corresponde exatamente à forma da Filosofia tal como ela surge na Grécia: busca-se uma definição que explica um fenômeno.

Se temos essas informações e se a sua inacessibilidade acarreta efeitos negativos sobre a comunidade filosófica, há uma tarefa a ser cumprida. Produzir material que possa ser usado nesse primeiro contato dos alunos com a área e que mostre que, apesar de sua minoria, as mulheres tomaram parte na História da Filosofia, reverte um estereótipo há muito reproduzido no Brasil e no mundo. Foi assim que surgiu o “Filósofas Antigas para Filósofas Brasileiras”, um braço das atividades do “Quantas Filósofas?” contemplado com financiamento da Faperj pelo programa Cientista do

Nosso Estado.

O projeto previa inicialmente três produtos em um triênio, mas esse resultado já se desdobrou. Para o primeiro ano, o produto era a tradução do inglês, juntamente com a professora Gislene Vale dos Santos, do primeiro volume (*Ancient Women Philosophers 600 B. C – 500 A. D.*) de *A History of Women Philosophers*, de Mary Ellen Waithe, obra que abriu os caminhos para o que se vê hoje como um movimento global pela ampliação do cânone filosófico. A iniciativa e a coordenação da tradução de todos os volumes foram da professora Gislene Vale dos Santos.

É de se notar a envergadura do projeto, uma vez que filósofas com especialidade em cada um dos momentos históricos dos quatro volumes se engajaram na tradução para que ela fosse feita com todo o rigor. Com isso, o texto de Waithe provou-se mais uma vez seminal. A extensão da obra é incompatível com o nível de especialização das tradutoras e, de modo geral, elas se sentiram motivadas a atualizar, criticar e expandir o material. Esse foi o meu caso, já redigi um artigo sobre questões metodológicas da obra de Waithe (em prelo) e optei por abrir outra linha de produtos do “Filósofas Antigas para Filósofas Brasileiras”, sobre a qual tratarei abaixo.

Há um número de dificuldades com relação à publicação de Waithe. A primeira foi obter os direitos autorais, uma negociação que não podia ser feita entre filósofas, mas apenas entre empresas de editoração. A segunda consistiu na situação do mercado editorial brasileiro: editoras interessadas dispensaram o projeto em função do preço dos direitos e de uma expectativa de que a comercialização do produto não valesse o investimento. A editora que finalmente comprou os direitos apresentou dificuldades financeiras no momento de publicar. Ainda não sabemos quando a tradução, pronta há dois anos, será publicada. Isso me parece indício de que a produção de livros acadêmicos no Brasil tem dificuldades de se sustentar em uma dinâmica de mercado.

Para o segundo ano, o produto era a tradução do latim para o

português, com introdução detalhada e extensas notas críticas de *História das Mulheres Filósofas*, de Gilles Ménage, um clássico do século XVII que recolhe uma grande quantidade de informação sobre 72 filósofas da Antiguidade com base em fontes esparsas. Essa tradução pretende agregar informação, por meio de notas, descrevendo o atual estado das pesquisas sobre cada uma das filósofas, com o propósito de estimular as(os) leitoras(es) a se engajar nessa reconstrução da História da Filosofia. A tradução está adiantada, mas o projeto de publicação, que prevê um formato de bolso a baixo custo, foi recusado pelas editoras consultadas até o momento. Como nesse caso não há direitos autorais a serem pagos ao autor, a impressão é de que o mercado não vê muita importância no tema.

Com as dificuldades apontadas e a motivação gerada pelo trabalho com as fontes, o terceiro objetivo, que seria a publicação de um livro autoral, foi postergado em prol de garantir a acessibilidade do material primário em português. Esse material que me pus a traduzir do grego me levou a uma iniciativa inédita, um curso de graduação em História da Filosofia Antiga baseado inteiramente em filósofas. O curso, em formato experimental, funcionou bem e os alunos se sentiram motivados a abordar a Filosofia Antiga por outros enfoques, como o debate sobre a teoria moral a partir da situação de exclusão das mulheres ou o modo como a Filosofia era praticada por mulheres. Meu objetivo passou a ser o de aperfeiçoar esse experimento.

Em consequência desse resultado, surgiu a outra linha de produtos a que me referi. Ela consiste na publicação em periódicos e livros com acesso livre de traduções das filósofas antigas que foram preliminarmente feitas para esse curso. Já foram publicados os textos de Fíntis (ARAÚJO, 2022) e Aesara da Lucânia (ARAÚJO, 2023), outros estão em prelo. Acompanham essas traduções comentários de método, que seguem os padrões que discuto na próxima seção.

Traduzindo filósofas antigas

Há vários desafios no processo de traduzir as filósofas antigas. Começo por um fato: não há obra de mulheres da Antiguidade que nos tenha chegado *pela pena de uma mulher*. Isso impõe ao projeto uma moldura metodológica para ler as fontes que transmitiram as informações que temos. Essas fontes mencionam esparsamente informações sobre as filósofas da Antiguidade e a tarefa de uma historiadora da Filosofia deve ser a do rigor cirúrgico na análise dessas fontes.

Há três exigências metodológicas preliminares. A primeira é o texto, base material que é crivo último de qualquer resultado. Dedicamo-nos à análise das edições, por vezes das variantes nos manuscritos, tradução, reconstrução de argumentos, discussão de manuscritos e interpretação intertextual dos textos em grego e latim clássicos. O método de pesquisa se estabelece, portanto, como prática de leitura, que exige também domínio das duas línguas clássicas e de ferramentas básicas de filologia e paleografia. A segunda exigência é a de domínio da literatura secundária sobre o tema. As análises em Filosofia Antiga repercutem uma tradição de mais de dois mil anos de comentários e interpretações que devem ser gradualmente reconsiderados para que uma versão o mais fidedigna possível da história possa ser apresentada. Para essa literatura, exige-se o domínio das línguas modernas, pontuando as tradições interpretativas nesses ambientes histórico-culturais. A terceira exigência é a formulação de argumentos bem fundamentados e coerentes. Uma vez que faz da leitura não uma mera observação de narrativas, mas uma busca por determinadas respostas a problemas que se impõem devido à própria tradição interpretativa do texto, é imprescindível que o trabalho seja feito com argumentos muito claros, em estrita consonância com a letra do texto e com o mínimo de

lacunas e/ou introdução de premissas anacrônicas.

Dado esse método, há questões que são muito peculiares às filósofas. Uma delas advém da finalidade da fonte que transmite o texto. Um primeiro exemplo interessante é o gosto da comédia antiga, principalmente em sua primeira geração de comediógrafos, em atacar a *persona* da mulher intelectual, a contraparte ainda mais exagerada do já cômico homem de saber. As fontes cômicas são muito informativas porque são contemporâneas ao seu objeto, mas a sua moldura interrogatória não pode ser considerada factual, como, não obstante, ocorreu na própria Antiguidade com a incorporação de piadas próprias à cena à biografia dessas mulheres, como no caso de Aspásia (ARISTÓFANES, *Acarnenses*, 523-529; EUPOLIS, fragmento 110 Austin; CRATINO, fragmento 240-241 Kock). Nesse tipo de situação, tenho aplicado a regra de extrair dela a informação compatível com outras fontes e rejeitar o que é característico do gênero que transmite tal informação, no caso da comédia, a invectiva (HENRY, 1995, p. 19-24). Essa regra visa, portanto, a combater a suposição, muito usual nos intérpretes antigos mas também repetida entre os modernos, de que a informação dada por um autor cronologicamente mais próximo do evento indica um fato. Para conseguir descolar o texto dos fatos, é mister aplicar recursos intertextuais, ou seja, comparar as informações transmitidas em diferentes suportes.

Esse procedimento é naturalmente dificultado em casos de informações de fonte única ou informações evidentemente derivadas de uma única fonte mais antiga. O caso clássico é o de Diotima no *Banquete* de Platão. Há um consenso majoritário entre os especialistas de que viveu, sim, uma sacerdotisa de Mantinea de nome Diotima (HALPERIN, 1990, p. 119). Porém, da existência dessa pessoa é difícil provar que ela teria sustentado as teses constantes no diálogo, como defendem, por exemplo, Waithe (1987, p. 101-108) e Acker (2013, p.103-116). Minhas razões são (i) a ausência de fontes independentes de Platão (EHLER, 1966, p. 131-136),

(ii) a coincidência entre essas teses e as defendidas por outros personagens platônicos (HALPERIN, 1990, p. 126-128), e (iii) a introdução de Diotima segue os padrões argumentativos do recurso socrático do interlocutor anônimo para refutação, nesse caso de Agatão (LONGO, 2000, p. 133-137).

Como se vê, a intertextualidade funciona como ferramenta de análise ainda nesses casos de fonte única. Aplicável a todo o material, é a intertextualidade que permite o que eu chamo de uma abordagem das informações em moldura. A ideia é que o contexto da fonte enquadra a informação, mas não elimina o fato. Isso é importante para evitar o que me parece um segundo equívoco metodológico: um certo ceticismo hoje predominante nos estudos clássicos. Ele se estabeleceu em grande parte pela chamada *Quellenforschung*, que, ao priorizar a fonte ao conteúdo da informação, acabou por identificar o transmissor da informação como o autor dela. Assim, ao contrário da suposição factual dos intérpretes antigos, caímos na suposição autoral de todas as informações. Isso é fatal porque, dado que todas as fontes sobre filósofas são indiretas, todas elas se transformam em objetos da imaginação desses autores.

Um caso exacerbado do ceticismo é o tratamento da pseudoepígrafe, ou seja, de textos que nos foram transmitidos sob o nome de uma filósofa, mas cuja autoria é contestada pelos intérpretes. Para discutir esse ponto, uma informação importante é estar claramente estabelecido que há na Antiguidade um mercado de textos de autores consagrados, e que esse mercado se interessava por obras raras “reencontradas” e também por obras de cunho privado, como cartas que atestavam determinada posição filosófica, moral ou política desses autores. A falsificação fazia com que se “encontrasse” uma obra que ajudava a elucidar a doutrina de certa autoridade do passado, assim como a dissolver disputas que naquele momento se estabeleciam em certo círculo intelectual. Esse é plausivelmente o caso do que se chama hoje de pseudoepígrafe pitagórica, gênero a que pertence uma porção importante das fontes de filósofas pitagóricas (ZELLER, 1868,

p. 84-84; BURKERT, 1972, p. 41; CENTRONE, 2014, p. 337; ULACCO, 2017, p. 7). Por outro lado, também permanece admissível que alguns dos textos e testemunhos que nos chegaram sejam autênticos e datáveis do período clássico (THESLEFF, 1961, p. 99).

Nesse caso, o que tenho usado como regra é suspender o juízo sobre a datação da moldura da informação e analisar a função pragmática de seu conteúdo. Explico esse procedimento da seguinte maneira: mesmo não sendo autênticos ou sendo tardios, há nesses textos a evidência de uma prática filosófica de mulheres que se descreve de determinado modo. Essa prática, ainda que de datação questionável, é por si só um dado relevante. Mas há um ponto ainda mais importante: tal prática está sendo atrelada a uma determinada mulher em posição de autoridade epistêmica, alguém como, por exemplo, Teano ou Perictione. Mesmo que esses textos sejam forjados, essa autoria é atribuída devido a essa posição de autoridade. Isso não só descreve o reconhecimento social dessas mulheres, mas também aponta que o propósito é que os leitores se impressionem com elas, plausivelmente a ponto de se inspirarem em suas ideias e seguirem os seus modelos. Se isso for verdade, mesmo na pseudoepígrafe se identifica uma motivação da propagação de um modelo de filósofa que educa outras filósofas por vir. Isso obviamente interessa aos propósitos deste projeto.

Parece-me que essas posições metodológicas são razoáveis e, se assim o forem, elas nos permitem uma reconstrução bastante interessante sobre como a Filosofia foi praticada por mulheres na Grécia entre os séculos VI AEC e VI EC. Apesar de toda uma situação social de segregação das mulheres dos ambientes de debate filosófico, ainda assim a evidência é considerável de que elas encontraram meios não apenas para se educar, mas também para debater com seus pares. Espero que descrever essa prática feminina da Filosofia seja uma contribuição não apenas para a História da Filosofia Antiga, mas também para a Metafilosofia contemporânea.

Conclusão

Procurei mostrar que o projeto “Filósofas Antigas para Filósofas Brasileiras” parte de um problema metafilosófico contemporâneo, ou seja, o fato de que a Filosofia se constitui historicamente como prática marcada pela desigualdade de gênero. A análise da literatura sobre a questão aponta o papel dos vieses implícitos na reprodução de estereótipos, que, por sua vez, parecem ser operadores potentes na exclusão de agentes que não se identificam com certo tipo de filósofo. Compreendendo que a figura do filósofo antigo foi historicamente identificada com a atividade filosófica ela mesma, o projeto dedica-se a reconsiderar os padrões de ensino da História da Filosofia Antiga a partir da inclusão da figura da filósofa antiga.

Nesse prisma, a proposta é tornar acessível em português todas as informações e textos de que dispomos sobre as filósofas antigas para que esse material possa ser usado na introdução à disciplina no Brasil. Há dificuldades metodológicas nesse resgate, uma vez que todo o material foi transmitido indiretamente. Proponho que a abordagem dessas fontes se faça com base no contraste entre o meio e a mensagem, de modo que, sem colapsá-los, seja possível extrair informações relevantes sobre quem eram as filósofas da Antiguidade, como elas praticaram a Filosofia e quais foram as suas ideias. A acessibilidade dessas informações revela que a tradução dos textos clássicos tem um insuspeitado papel central no combate à desigualdade de gênero.

Referências

ACKER, Clara. *Femmes, Fêtes et Philosophie en Grèce Ancienne*. Paris: L'Harmattan, 2013.

ALCOFF, Linda. A call for climate change. *APA Newsletter on Feminism and Philosophy*, Newark, v. 11, n. 1, p. 7-9, 2011. Disponível em: https://cdn.ymaws.com/www.apaonline.org/resource/collection/D03EBDAB-82D7-4B28-B897-C050FDC1ACB4/v11n1_Feminism.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

ANTONY, Louise. Different voices or perfect storm: why are there so few women in Philosophy? *Journal of Social Philosophy*, v. 43, n. 3, p. 227-255, 2012.

ARAÚJO, Carolina. Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil - 2015. *Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia*. 06 mar. 2016. Disponível em: <https://anpof.org.br/forum/mulheres-na-pos-graduacao-em-Filosofia-no-brasil>. Acesso em: 12 set. de 2023.

ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. *Cadernos de Filosofia Alemã: crítica e modernidade*, v. 24, n.1, p. 13-33, 2019.

ARAÚJO, Carolina. Fíntis e a moderação feminina. *Phoînix*, v. 28, n. 2, p. 64-79, 2022.

ARAÚJO, Carolina. Aesara da Lucânia: Sobre a Natureza Humana. *Discurso*, v. 53, n. 1, p. 254-276, 2023.

ARAÚJO, Carolina; RAMOS, Carmel (eds.) Brazilian Women Philosophers/ Filósofas Brasileiras. 2021. Playlist (11 vídeos). Publicado pelo canal Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLgMELou_Khj4_q6yBurfxTN8N9PEcAsbt. Acesso em 21 out. 2023.

AUSTIN, Colin. *Comicorum Graecorum Fragmenta in Papyris Reperta*. Berlim: De Gruyter, 1973.

BEEBEE, Helen; SAUL, Jennifer. Women in philosophy in the UK. *British*

Philosophical Association: Society for Women in Philosophy in the UK. nov. 2021. Disponível em: <https://bpa.ac.uk/wp-content/uploads/2021/11/2021-BPA-SWIP-Report-Women-in-Philosophy-in-the-UK.pdf>. Acesso: em 12 set. 2023.

BLUM, Lawrence. Stereotypes and Stereotyping: A Moral Analysis. *Philosophical Papers*, v. 33, n. 3, p. 251-290, 2004.

BURKERT, Walter. Zur geistesgeschichtlichen Einordnung einiger Pseudopythagorica. In: Von Fritz, K. Von (ed.). *Pseudepigrapha I. Pseudopythagorica – Lettres de Platon, Littérature Pseudépigraphique Juive*. Genebra: Fondation Hardt, 1972. p. 23-55.

CANADIAN PHILOSOPHICAL ASSOCIATION. Report on the Canadian Philosophical Association Equity Survey 2018. *Canadian Philosophical Association*, [S. I.] jun. 2020. Disponível em: <https://www.acpcpa.ca/cpages/reports>. Acesso em: 12 set. 2023.

CENTRONE, Bruno. The Pseudo-Pythagorean Writings. In: Huffman, C. A. (ed.) *A History of Pythagoreanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 315-340.

COLLOBERT, Catherine. *L'avenir de la philosophie est-il grec?* Saint-Laurent: Fides, 2002.

DESLAURIERS, Marguerite. Women, Education, and Philosophy. In: JAMES, Sharon L.; DILLON, Sheila, (eds.). *A Companion to Women in the Ancient World*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012. p. 343-53.

DOUGHERTY, Tom; BARON, Samuel; MILLER, Kristie. Female Under-Representation Among Philosophy Majors: A Map of the Hypotheses and a Survey of the Evidence. *Feminist Philosophy Quarterly*, v. 1, n.1, p. 1-30, 2015.

DUTSCH, Dorothea. *Pythagorean Women Philosophers*. Oxford: Oxford

University Press, 2020.

EHLERS, Barbara. *Eine vorplatonische Deutung des sokratischen Eros: Der Dialog Aspasia des Sokratischer Aischines*. Munich: C. H. Beck, 1966.

GARDELLA, Mariana; JULIÁ, Victoria. *El enigma de Cleobulina*. Buenos Aires: Teseo, 2018.

GODDARD, Eliza. Improving the Participation of Women in the Philosophy Profession Report B: Appointments by Gender in Philosophy Programs in Australian Universities. *The Australasian Association of Philosophy*, 2008. Disponível em: https://aap.org.au/Resources/Documents/publications/IPWPP/IPWPP_ReportB_Appointments.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.

GOULET, Richard (ed.). *Dictionnaire des philosophes antiques*. 7 volumes. Paris: Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1989-2018.

HALPERIN, David. Why is Diotima a woman? In: HALPERIN, David. *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*. London: Routledge, 1990. p. 113-152.

HASLANGER, Sarah. Changing the Ideology and Culture of Philosophy: Not by Reason (Alone). *Hypatia*, v. 23, n. 2, 2008, p. 210-223.

HENRY, Madeleine. *Prisoner of History: Aspasia of Miletus and her Biographical Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

HUTCHISON, Katrina; JENKINS, Fiona. *Women in Philosophy: what needs to change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

KOCK, Theodor. *Comicorum Atticorum Fragmenta*. 2 volumes. Leipzig: Teubner, 1884.

LAKS, André; MOST, Glenn. W. *Les débuts de la philosophie: des premiers penseurs grecs à Socrate*. Paris: Fayard, 2016.

LONGO, Angela. *La tecnica della domanda e le interrogazioni fittizie in*

Platone. Pisa: Scuola Normale Superiore, 2000.

MÉNAGE, Gilles. *Historia Mulierum Philosopharum*. Lyon: Annison, J. Posuel, C. Rigaud. 1690.

MOSS-RACUSIN, Corinne *et al.* Science Faculty's Subtle Gender Biases Favor Male Students *Proceedings of the National Academy of Sciences of the USA*, v. 109, n. 41, 2012, p. 16474–16479.

RAMOS, S *et. al.* A Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e a desigualdade de gênero na área da Filosofia. *Perspectivas em diálogo*, v. 10, n. 23, p. 37-47, 2023.

SASSI, Maria Michela. *The beginnings of philosophy in Greece*. Princeton: Princeton University Press, 2018.

SAUL, Jennifer. Implicit Bias, Stereotype Threat and Women in Philosophy. In: JENKINS, Fiona Jenkins; HUTCHISON, Katrina (ed.) *Women in Philosophy: What Needs to Change?* Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 39-60.

SCHWITZGEBEL, Eric.; JENNINGS, Carolyn D. *Women in Philosophy: Quantitative Analyses of Specialization, Prevalence, Visibility, and Generational Change*. 2016. Disponível em <https://faculty.ucr.edu/~eschwitz/SchwitzPapers/WomenInPhil-160719.pdf> Acesso em: 12 set. 2023.

STEELE, Claude. *Whistling Vivaldi: And Other Clues to How Stereotypes Affect Us*. Nova York: W. W. Norton, 2010.

STEINPREIS, Rhea E. *et al.* The Impact of Gender on the Review of the Curricula Vitae of Job Applicants and Tenure Candidates: A National Empirical Study. *Sex Roles*, v. 41, n. 7/8, p. 509-528), 1999.

THESLEFF, Holger. *Introduction to the Pythagorean Texts of the Hellenistic Period*. Åbo: Åbo Akademi, 1961.

ULACCO, Angela. *Pseudopythagorica Dorica*: I trattati di argomento metafisico, logico ed epistemologico attribuiti ad Archita e a Brotino. Introduzione, traduzione, commento. Berlim: De Gruyter, 2017.

WAITHE, Mary Ellen. *A History of Women Philosophers*. Vol. 1: Ancient Women Philosophers 600 B. C.-500 A. D. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1987.

ZELLER, Eduard. *Die Philosophie der Griechen in Ihrer geschichtlichen Entwicklung*. 2ª ed, v. 3, 2. Leipzig: Resiland, 1868.

Ancient women philosophers for Brazilian women philosophers

Abstract: This is a contribution to the editorial Women Who Translate the Classics, which is dedicated to fostering a greater impact of translations of Greek and Latin classics by women. It presents the partial results of the project Ancient Women Philosophers for Brazilian Women Philosophers, developed since 2021 with Faperj support, based on its central objective of reducing gender inequality in academic education in Philosophy in Brazil. The first section presents data on gender inequality in the world and the hypotheses formulated about its causes. The second section presents the objectives of the project and its partial results. The last section deals with issues of translation method and text analysis, with emphasis on the fact that sources on ancient women philosophers are always indirect. I conclude by pointing out how the project, by connecting a contemporary metaphilosophical question with the identification of the philosopher in antiquity, places the translation of the classics into Portuguese as a central piece in the fight against gender inequality. Keywords: Ancient Philosophy. Women Philosophers. Gender gap. Metaphilosophy.